IDENTIDADE HÍBRIDA: O TERCEIRO ESPAÇO

HYBRID IDENTITY: THE THIRD SPACE

Maria Luiza Calim de Carvalho Costa[1]

Abstract *— While rubbing two universes of Peruvian culture - the pre- Columbian legacy and Western colonial culture - contemporary artists put into question the Peruvian identity where appropriations and resignifications in hybridization processes expose the asymmetries , the contrasts , conflicts . In search of ways in which cultures may find themselves in their differences- as the third space coined by Bhabha - artists such as Susana Torres, Milagros de la Torre, Alfredo Márquez and the photographer Carlos 'Chino ' Dominguez demystify characteristics of the Peruvian national identity as the idyllic notion of Inca culture in the imagination and national culture as well as the Eurocentric idea subordinate role in the development of the Andean culture of Peru.*

Index Terms — Latin America, contemporary art , Susana Torres, Milagros de la Torre, Alfredo Márquez ,Carlos 'Chino ' Dominguez

INTRODUÇÃO

Como artistas latino-americanos configuram com suas obras modos de ver a América Latina? Como se imbricam o local e o global nessas obras contemporâneas? São questões constantes em nossa pesquisa intitulada "Sulear: Incursões Visuais Latino-Americanas", cujo objeto é a América Latina mestiça, híbrida e heterogenia apresentada pelos olhos sensíveis da arte.

A Pinacoteca do Estado de São Paulo, de maio a julho de 2011, expôs (no espaço Estação Pinacoteca) cerca de 100 trabalhos, entre pinturas, esculturas, fotografias, vídeos e instalação, de 36 artistas cujas obras integram o acervo do Museo de Arte de Lima – MALI (Peru). *Arte al paso*, título da exposição, advém do nome de uma ação artística realizada em 1980 pelo grupo E.P.S. Huayco (formado por Francisco Mariotti, Luy Maria, Rosario Noriega, Herbert Rodríguez, Juan Javier Salazar, Williams Armando, Zevallos Mariel). Reconhecida como uma das manifestações de maior envergadura nas práticas artísticas peruanas da segunda metade do século XX a ação artística trazia a reflexão sobre as precariedades e desigualdades peruanas de toda natureza.

> O coletivo propôs, assim, uma arte para ser consumida na rua, em contraposição ao espaço do museu ou de galeria, sempre ausente; uma arte que se ocupa de *pensar* e não de *sentir*, deixando para trás o modernismo conservador de meados do século XX; uma arte que, segundo os participantes, só poderia ser consumida em trânsito, uma arte para se "mastigar no caminho" (CUEVAS, T. e QUIJANO, R., p 25).

Com curadoria de Rodrigo Qijano e Tatiana Cuevas a exposição *Arte al paso* na Pinacoteca do Estado trouxe obras que "marcadas por uma ironia crítica, as representações que os artistas escolhem disseminar facilitam a multiplicação de leituras sobre a comunidade imaginada que compõe o país" (VERME, J. C. MAJLUF, N. p 10).

Para esse artigo, elegemos algumas obras e artistas peruanos contemporâneos como Susana Torres, Milagros de la Torre, Alfredo Márquez e o fotógrafo Carlos 'Chino' Dominguez , cujo recorte nos possibilita pensar na identidade híbrida da qual somos a matéria.

NARRATIVAS IDENTITÁRIAS

Em um mundo globalizado através do advento das novas tecnologias onde a informação interpessoal através da internet pode mudar as relações comunicacionais no planeta, como pensar os processos de identificação do indivíduo com o seu lugar, sua cultura, seus pares?

Esse tema tem sido questão de muitos artistas contemporâneos na América Latina, conectar com a memória, lugar, contextos culturais e produzir processos artísticos capazes de nos fazer pensar sobre eles.

A indústria da informação, comunicação, publicidade e espetáculo criam novas subjetividades nos fazendo nos identificar com 'novas necessidades e produtos' que respondem aos interesses do mercado e constroem novos modos de viver, agir e claro, consumir. Também, vemos em alguns lugares uma radicalização em fundamentalismos que abominam diferenças, gerando identidades encapsuladas que nos assustam com posturas antidemocráticas e inumanas. A intersecção produzida entre diferentes disciplinas na discussão da crítica contemporânea sobre a questão da identidade gerou a reformulação do conceito de identidade.

Stuart Hall (2006), em sua obra sobre a identidade cultural da pós-modernidade, distingue três concepções de identidade: o sujeito do Iluminismo, o sujeito sociológico e o sujeito pós-moderno. O sujeito do Iluminismo era um indivíduo totalmente centrado, unificado, dotado das

[1] Maria Luiza Calim de Carvalho Costa, Professora Doutora- Faculdade de Arquitetura Artes e Comunicação- Unesp- Universidade Estadual Paulista, Av. Luiz Edmundo Carrijo Coube, 14-01, 17043-00,SP, Brasil, marialuiza@faac.unesp.br

DOI 10.14684/WCCA.8.2015.270-273
© 2015 COPEC

capacidades de razão, de consciência e de ação, cujo centro essencial do eu era a identidade de uma pessoa. O sujeito sociológico refletia a crescente complexidade do mundo moderno e a consciência de que este núcleo interior do sujeito não era autônomo, e sim formado na relação interativa do eu com a sociedade, onde o sujeito ainda tem um núcleo ou essência interior mas este é formado e modificado num diálogo contínuo com os mundos culturais "exteriores". O sujeito pós-moderno, segundo Hall, não tem uma identidade fixa, essencial ou permanente. O sujeito assume identidades diferentes em diferentes momentos, muitas vezes contraditórias e que são continuamente deslocadas.

E a identidade de uma nação, como se dá diante do mundo fragmentado?

A identidade nacional é construída com uma trama de discursos reverberados - "a comunidade imaginada" de Benedic Anderson- é , assim vivida no imaginário nacional.

> As nações tais como as narrativas, perdem suas origens nos mitos do tempo e efetivam plenamente seus horizontes apenas nos olhos da mente" (Bhabha, 1990, p.1).

Os discursos reverberados da narrativa de nação são as histórias contadas e recontadas nas literaturas nacionais, na mídia e na cultura popular e que fornecem imagens, panoramas, cenários, símbolos e rituais nacionais que simbolizam ou representam as experiências partilhadas pelo povo e dão sentido à nação. Essa narrativa, apesar de aparentar com a configuração de uma unidade, é por inúmeras vezes atravessada por profundas divisões e diferenças. Quase impossível que exista nação, na contemporaneidade, que não seja um híbrido cultural.

Bhabha desenvolveu seu conceito de hibridismo cultural. Uma nova identidade híbrida emerge do entrelaçamento de elementos do colonizador e do colonizado. Através de rupturas e deslocamentos das narrativas coloniais hegemônicas e da cultura do colonizado constrói-se um espaço-entre, que Bhabha cunha de Terceiro Espaço. De acordo com Bhabha, este terceiro espaço híbrido é um lugar ambivalente em que o significado cultural e representação não tem nenhuma unidade ou fixidez primordial. O potencial do híbrido é sua inata capacidade para atravessar tanto culturas para traduzir, negociar e mediar afinidade e diferença dentro de uma dinâmica de intercâmbio e inclusão. No momento em que o colonizador apresenta uma normalização a estratégia híbrida abre um terceiro espaço de e para rearticulação de negociação e significado.

Obras dos artistas peruanos, recorte selecionado para o artigo, apontam seus discursos artísticos para as narrativas nacionais e os processos de identificação e também de violência e exclusão advindos de contextos históricos e assimilação de conceitos e preconceitos.

POÉTICAS HÍBRIDAS

A artista peruana Susana Torres (Lima,1969-) trata de temas como identidade e gênero em suas pinturas, gravuras, cerâmicas e performances. Parte de sua obra propõe um olhar sobre os modos como os símbolos pré-hispânicos são inseridos nos discursos midiáticos e educativos do Peru. A artista, desde o final dos anos 90, cria várias versões para o seu "Museo Neo-Inka" - museu fictício que serve de espaço sistemático de pesquisa visual e discursiva de Susana Torres -, onde uma variedade de imagens e objetos apresentam e com ironia refinada representações baseadas na cultura inca em contexto contemporâneo.

Na versão exposta no MALI- Museu de Arte de Lima, fotografias de produtos como maço de cigarros, garrafa de bebida, latas de alimentos, embalagem de chocolate, etc, que fazem referência ao inca são expostas de modo a demonstrar como esse passado heróico da cultura incaica está presente no cotidiano do povo peruano, ou, de como esse passado é usado para vender bens de consumo na atualidade. São 14 fotografias, não por acaso o mesmo número dos governantes do império inca.

FIGURA 1

MUSEO NEO-INKA , 1999-2011 | 14 FOTOGRAFIAS – DETALHE | SUSANA TORRES (LIMA,1969-) | MUSEU DE ARTE DE LIMA-PERU

Em reportagem de Oscar Bermeo Ocaña no El comercio, em fevereiro de 2014, Susana Torres fala sobre essa "onipresença do espírito inca" - título de exposição realizada na ocasião na Sala Luis Miró Quesada Garland:

> Esa presencia no es buena ni mala. Para mí es una carga muy fuerte. Es un concepto que está en nuestro inconsciente colectivo. Desde el colegio nos enseñan que el Imperio Incaico era la sociedad perfecta. Cuando no fue así, tenía también aspectos nefastos como la esclavitud. Pero, para nosotros, es un paraíso compartido que se fregó con la llegada de los españoles. Soñamos con ese pasado, que es muy grande, que nos persigue todo el tiempo.No es

casual entonces que se utilice para el comercio porque vende (TORRES, El Comercio, 2014).

Juntamente com as fotografias, há uma instalação, um saco de farinha da marca inca, que ironiza a musealização com uma parodia de uma urna funerária, com as letras em dourado com a inscrição "Museo Neo-Inka".

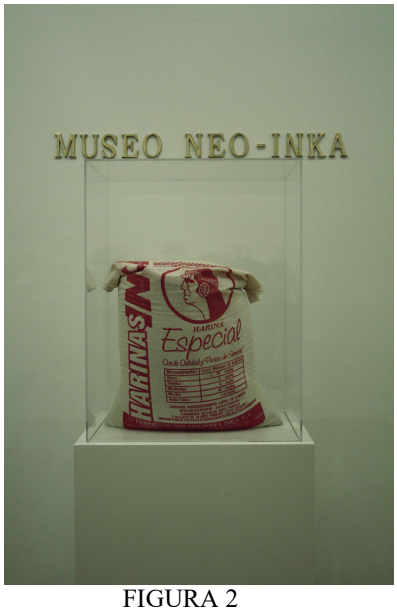

FIGURA 2
MUSEO NEO-INKA , 1999-2011 | SUSANA TORRES (LIMA,1969-) | MUSEU DE ARTE DE LIMA- PERU

E, em composição com as fotografias e a instalação, esculturas cerâmicas tais como os bonecos huacos encontrados em templos da cultura Moche. Esses recipientes cerâmicos em número de seis são autorretratos da artista com deformidades congênitas em alusão à marca da herança cultural na identidade peruana.

FIGURA 3
MUSEO NEO-INKA , 1999-2011 | SUSANA TORRES (LIMA,1969-) | MUSEU DE ARTE DE LIMA- PERU

Aparece la figura del arruinado, que sueña con lo que fue y se llena todo el día hablando de lo que tuvo, pero no puede vivir el presente ni el futuro porque está obsesionado con el pasado (TORRES, El Comercio, 2014).

Outra artista peruana, a fotógrafa Milagros de la Torre (Lima 1965-) realizou uma viagem a Cusco no início dos anos noventa e resgatou antiga técnica, praticada desde o o final do século XIX, usada por fotógrafos de rua - *"los minuteros"*- que usavam uma caixa como câmera onde a luz é diretamente exposta sobre o papel e, o papel como negativo, é removido para secar ao sol, quando a camada de cromo de mercúrio é aplicada a imagem. Este negativo com toques vermelhos é refotografado com a mesma câmera para produzir um positivo. Essa técnica clareava a pele do fotografado, era comumente usada para tirar as fotografias dos documentos dos cidadãos e os apresentava mais alvos que sua tez natural.

A partir dessa técnica, conservando o aspecto vermelho do negativo, Milagros de La Torre realiza a série "Bajo el sol negro" enfatizando as questões problemáticas inerentes à construção da imagem pessoal do sujeito como também como parte integrante de um país com discriminações raciais.

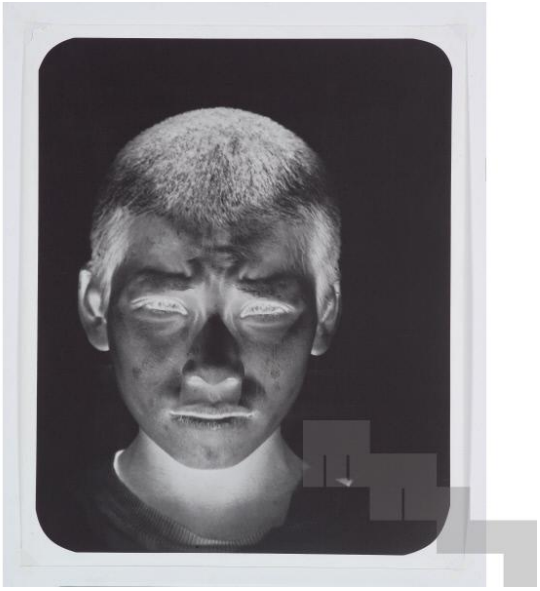

FIGURA 4
SÉRIE:BAJO EL SOL NEGRO, 1991-1993 | MILAGROS DE LA TORRE (LIMA,1965-) | MUSEU DE ARTE DE LIMA- PERU

O terceiro artista escolhido é Carlos 'Chino' Dominguez (Lima,1933-2011) repórter fotográfico com olhar agudo fotografou os últimos sessenta anos da história política e social do Peru.

FIGURA 5
LA RESACA DO INCA, 1972 | CARLOS 'CHINO' DOMINGUEZ (LIMA,1933- 2011) | MUSEU DE ARTE DE LIMA- PERU

Em fotografia intitulada "La Resaca do Inca", Chino capturou o momento de descanso das representações oficiais e turísticas da *Inti Raymi* - festa do sol - quando dois jovens tomam uma cerveja em um bar, é como se o passado incaico e o presente ironicamente estivessem próximos e distantes...

Katatay- termo do idioma quéchua para palavra tremer, significa também terremoto - é também título de poema do escritor José Maria Arguedas (1911-1969) que de modo crítico discute a ideia do papel subalterno da cultura andina no desenvolvimento do Peru. Katatay, o livro foi publicado em 1962, inclui 6 jaylli(s)- canción religiosa, heróica o agrícola- em quechua, acompanhados de traduções para o espanhol feito pelo próprio Arguedas.

O artista Alfredo Márquez (Lima1963-) cita um dos versos do poema- "*Dicen que ya no sabemos nada, que somos el atraso, que nos han de cambiar la cabeza por otra mejor.*" - sobreposta à fotografia de dois desaparecidos pela violência do conflito interno do país durante as décadas de 1980 e 1990, e, originalmente colocadas em espaços publicitários dos pontos de ônibus. Ao reativar, no espaço público cotidiano da cidade de Lima, a memória de um passado recente não resolvido, que tal como *Katatay* nos faz tremer. O 'terremoto' outra definição para *Katatay* , pode ser também a ação do artista que com as imagens junto ao verso do poema, busca sacudir as estruturas e "*cambiar as cabezas".*

FIGURA 6
KATATAY (TEMPLAR), 2002-2003 | ALFREDO MÁRQUEZ (LIMA,1963-) | MUSEU DE ARTE DE LIMA- PERU

Ao friccionar dois universos da cultura peruana - o do legado pré- colombiano e a cultura colonial ocidental esses artistas contemporâneos colocam em discussão a identidade peruana onde apropriações e resignificações nos processos de hibridização expõem as assimetrias, os contrastes , os conflitos. Em busca de caminhos onde as culturas possam encontrar -se em suas diferenças- como o terceiro espaço cunhado por Bhabha- artistas como Susana Torres, Milagros de la Torre, Alfredo Márquez e o fotógrafo Carlos 'Chino' Dominguez desmistificam características da identidade nacional peruana como a noção idílica da cultura inca na imaginação e na cultura nacional assim como a ideia eurocêntrica do papel subalterno da cultura andina no desenvolvimento do Peru. Com suas obras constroem a reflexão sobre o terceiro espaço construído entre o incaico e o espanhol- o terceiro espaço, o de negociação, rupturas e imbricações- onde a multiplicação de leituras sobre a comunidade imaginada compõe o país.

REFERÊNCIAS

[1] BHABHA, H. (org.) *Narrating the Nation*. Londres: Routledge, 1990.

[2] CUEVAS, T. e QUIJANO, R,. Arte al Paso ou a sempre incansável realidade peruana. In: *Arte al Paso: coleção contemporânea do Museo de Arte de Lima- MALI.* São Paulo: Pinacoteca do Estado, 2011.

[3] HALL, Stuart. *A Identidade Cultural na Pós-modernidade, DP&A Editora, Rio de Janeiro, 11ª edição em 2006.*

[4] MOSQUERA,G. *Beyond the Fantastic: Contemporary Art Criticism from Latin America.* London: Institute of international Visual Arts, 1995.

[5] MOSQUERA, G. Against Latin American Art. In *Contemporary Art in Latin America.* London: Black dog publishing, 2011.

[6] TORRES, S. In OCAÑA O. B. El Comercio- *Exposición: La omnipresencia del espíritu inca* . Disponível em: http://elcomercio.pe/luces/arte/exposicion-omnipresencia-espiritu-inca-noticia-1709731, acesso em 20 de outubro 2014.

[7] VERME, J. C. MAJLUF. Museo de Arte de Lima. In: *Arte al Paso: coleção contemporânea do Museo de Arte de Lima- MALI.* São Paulo: Pinacoteca do Estado, 2011.